

Desafios postos ao exercício profissional do Serviço Social no Brasil em tempos de globalização neoliberal

Challenges posed to professional practice of Social Work in Brazil in times of neoliberal globalization

Edaléa Maria RIBEIRO
Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)
edalearibeiro@gmail.com

Recibido: 16/09/2013

Revisado: 27/11/2013

Aceptado: 06/03/2014

Disponibile on line: 27/06/2014

Resumo

O presente estudo teórico busca apresentar um panorama do exercício profissional no Brasil, em tempos de globalização neoliberal. Para tanto, faz uma breve introdução sobre significado e trajetória da profissão, apresenta o debate sobre globalização neoliberal e seus impactos em solo brasileiro. Aponta uma série de questões que estão colocadas para o profissional de serviço social nos tempos atuais e por fim discorre sobre os desafios postos à profissão.

Palavras chave: exercício profissional, serviço social, globalização neoliberal, desafios.

Abstract

This theoretical study aims to present an overview of the professional practice in Brazil, in times of neoliberal globalization. To this end, a brief introduction on the meaning and history of the profession, presents the debate on neoliberal globalization and its impacts on Brazilian soil. Outlines a series of questions that are posed to the social work professional nowadays and finally discusses the challenges posed to the occupation.

Keywords: professional practice, social service, neoliberal globalization, challenges.

Resumen amplio

El presente artículo contribuye al conocimiento y la reflexión sobre el ejercicio profesional del Trabajo Social en Brasil. Como apunta la autora, los desafíos actuales a los que se enfrenta la profesión han de ubicarse, transitar y dialogar en todo momento con el contexto de globalización neoliberal.

Es preciso rescatar a lo largo de la historia aquellos aspectos que dotaron de significado al Trabajo Social brasileño y conformaron las condiciones de posibilidad para su surgimiento. Uno de esos aspectos fundamentales ubica al Trabajo Social en la cuestión social y así se concibe como respuesta institucionalizada de las políticas sociales públicas para reconocer y hacer efectivos los derechos de las clases populares. Aunque se habla de los profesionales del Trabajo Social más como trabajadores asalariados insertos en el mercado que como profesionales liberales, hacen suya una relativa autonomía que les permita garantizar la orientación de su actividad y responder con un compromiso ético y político. Los recursos necesarios para el desarrollo de su trabajo, las directrices dictadas por las políticas sociales, las relaciones de poder institucional, las prioridades políticas establecidas por las instituciones, los recursos humanos y financieros que se pueden movilizar, y las presiones sociales componen los elementos constitutivos del proceso de trabajo en el que se inserta el trabajador social. Son elementos intrínsecos de su práctica profesional. La competencia ético-política y teórico-metodológica del profesional y la realidad socio-institucional en la que se inscribe serán los condicionantes que definan la eficiencia de su acción profesional.

Se hace necesario comprender y analizar el escenario donde actúa hoy el Trabajo Social. Dice la autora que la globalización neoliberal es mucho más que un problema de orden conceptual. La globalización es un fenómeno real y una categoría ideológica con efectos perversos, expresados a través del desempleo, la miseria, la exclusión, la desigualdad, la intolerancia, etcétera. En lo que se refiere a Brasil, se pueden destacar algunas consecuencias de este fenómeno: apertura de la economía y el mercado, programas de estabilización financiera, privatización de las empresas públicas, extinción gradual de los derechos sociales, desestructuración de la red de protección social del Estado. En definitiva, se ha ido reduciendo la responsabilidad del Estado, las políticas sociales han ido perdiendo su carácter universal, al mismo tiempo que ganaba hegemonía el libre mercado en la distribución de recursos.

Ante este escenario, la autora identifica dos desafíos para el Trabajo Social brasileño actual. El primero tiene que ver con su condición de profesión asalariada en el mercado de trabajo. Diversos estudios apuntan que se ha intensificado la contratación externa de servicios sociales a empresas o asesorías. Este hecho tiene efectos profundos para el Traba-

jo Social: desconfigura su significado y el alcance de su intervención, produce cambios en la relación con la población, se abre una brecha entre la prestación de servicios y el derecho, etcétera. Por lo tanto, el primer desafío del Trabajo Social ha de ser la lucha colectiva en diversos espacios donde se puedan construir sujetos colectivos capaces de fortalecer los espacios de enfrentamiento y resistencia.

El segundo desafío está relacionado con el trabajo concreto de los profesionales. Por un lado, se trata de identificar aquellas expresiones de la cuestión social actual, esto es: la pobreza y la desigualdad que el sistema capitalista produce y reproduce. Es preciso que la profesión construya conocimiento crítico sobre esta realidad y sus nuevas dinámicas, que comprenda el contexto contradictorio de crecimiento económico y desigualdad. Al mismo tiempo es importante reconocer las limitaciones de cualquier profesión en su lucha contra la pobreza y la desigualdad. Por otro lado, hay que vigilar la importancia que se le está confiriendo en el seno de la profesión a la dimensión técnico-instrumental-operativa. Es necesario repensar el papel de los instrumentos y técnicas. El escenario presentado requiere un profesional reflexivo, crítico, que apueste por la participación de los sujetos sociales, con competencia teórica, técnica y política dentro del proyecto ético-político de la profesión.

Referencia personalizada: Ribeiro, E. M. (2014): «Desafios postos ao exercício profissional do Serviço Social no Brasil em tempos de globalização neoliberal». *Cuadernos de Trabajo Social*, 27(1): 27-37.

Sumario: Introdução. 1. Um breve histórico da profissão, seu significado e institucionalização no Brasil. 2. O atual contexto social, econômico e político brasileiro no final do século XX e primeira década do milênio. 3. Desafios postos ao exercício profissional em tempos de globalização neoliberal. 4. Considerações finais. 5. Referências.

Introdução

O estudo de questões que envolvem as condições institucionais e trabalho profissional do assistente social hoje implica na análise histórica do Serviço Social, situando-o no contexto das relações sociais enquanto uma profissão institucionalizada, com características peculiares que se explicitam ao longo de sua trajetória. Assim, o exercício profissional em tempos de globalização neoliberal exige compreensão de tal realidade.

No caso do serviço social brasileiro, acreditamos que este contexto diga respeito as últimas três décadas, período correspondente a implementação de um conjunto de reformas econômicas e políticas realizadas em países da periferia do capitalismo, orientadas por organismos internacionais. Este conjunto de reformas neoliberais, que articula a reestruturação da esfera produtiva, o reordenamento do papel dos estados nacionais e a formação de uma nova sociabilidade burguesa, é considerado como uma das principais estratégias da burguesia internacional para o enfrentamento de mais uma das crises estruturais do capital.

As demandas postas por este contexto de globalização e neoliberalismo, considerando a vinculação histórica da profissão com o conservadorismo, (re)colocam ao exercício profissional (e à formação), um desafio fundamental, dentre outros, que consiste na reafirmação e enraizamento do projeto ético-político que ora o orienta, de aproximação à matriz do pensamento social crítico, numa realidade econômica, política e cultural explicitamente adversa. É disto que trata o presente ensaio.

Para compreendermos a profissão no atual contexto, os desafios que se colocam, faz-se necessário um breve resgate de sua trajetória e significado.

1. Um breve histórico da profissão, seu significado e institucionalização no Brasil

Segundo Silva (1997), a questão social¹ está presente na sociedade brasileira desde o Primeiro Império. Porém, é com a legitimação do Estado Novo², com o reconhecimento de direitos sociais, via efetivação de políticas públicas voltadas para as camadas populares, que o Serviço Social se institucionaliza tendo como de-

¹ Entende-se por questão social as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado.

² Estado Novo: regime político brasileiro fundado por Getúlio Vargas, de fins de 1937 até 1945, tendo como características a centralização do poder, o nacionalismo, o anticomunismo e autoritarismo.

manda institucional a execução destas políticas sócio-assistenciais públicas.

É na década de 1930 que o Estado brasileiro assume uma política claramente favorável à industrialização. Nessa perspectiva, a política do Estado, a adesão do empresariado e o apoio da Igreja Católica na formação de recursos humanos garantem a institucionalização do Serviço Social enquanto profissão, uma vez que caberia a essa a «educação moral» do operariado e das massas trabalhadoras.

O processo de institucionalização do Serviço Social dá, pois, início ao processo de profissionalização do Assistente Social, que se torna uma categoria assalariada inclusive alargando a base social de seu recrutamento (Iamamoto, 1995, p. 94), incluindo estratos médios e baixos da sociedade (isto mais nas décadas de 1970/80), que buscam uma profissão remunerada para inserirem-se no mercado de trabalho.

O surgimento de grandes instituições prestadoras de Serviço Social, como o Serviço Social da Indústria (SESI), o Serviço Social do Comércio (SESC), a Legião Brasileira de Assistência (LBA), o Conselho Nacional de Serviço Social (CNSS), foi o marco da ampliação do mercado de trabalho para o nascente Serviço Social, tornando-o uma profissão legitimada e uma atividade institucionalizada tanto pelo Estado quanto pelo bloco das classes dominantes (Iamamoto, 1995; Silva, 1997).

Esse passa a atuar, pois, na execução de políticas sociais criadas pelo Estado brasileiro e setores empresariais, seus maiores empregadores. Também o usuário do Serviço Social se altera, passando de uma parcela «irrelevante da população pobre», para concentrar-se em setores da classe trabalhadora, público-alvo das políticas assistenciais desenvolvidas pelas grandes instituições assistenciais recém-criadas.

Assim, o assistente social participa tanto dos mecanismos de dominação e exploração, como, ao mesmo tempo, e pela mesma atividade, dando resposta às necessidades de sobrevivência das classes trabalhadoras e da reprodução do antagonismo desses interesses.

Ao refletir sobre o significado social da profissão, Iamamoto (1995) alerta acerca de duas visões que precisam ser superadas a respeito do exercício profissional sobre as possibilidades do fazer profissional: a *visão fatalista*, conser-

vadora, de que o Serviço Social estaria unicamente a serviço de um poder «monolítico», não sendo o profissional sujeito de sua prática, adquirindo assim um perfil conformista e resignado; e a *visão revolucionária* de que o assistente social seria o agente transformador da sociedade, não levando em conta o trabalho realizado pelos movimentos sociais e pelas organizações da sociedade civil no processo de transformação social, bem como da condição de trabalhador assalariado do próprio Assistente Social inserido no mercado formal de trabalho.

A partir da trajetória histórica da categoria, é possível pensarmos o Assistente Social enquanto força de trabalho assalariada atuante maciçamente em instituições públicas, mas também, ainda que em menor número, em instituições privadas. Instituições estas compostas pelos serviços prestados, pelas políticas sociais operadas, pelas entidades que determinam a esfera para a ação profissional, pelos usuários atendidos, pela questão social que emerge das relações conflitantes entre capital e trabalho e pelo corpo técnico composto por profissionais de diferentes áreas do saber (Silva, 1997), incluso os profissionais de Serviço Social.

Com isto fica claro que o assistente social não tem, no mercado de trabalho brasileiro a tradição de um profissional liberal, mas sim, de trabalhador inserido no mercado, como trabalhador assalariado; não sendo totalmente autônomo sobre o processo de efetivação do seu trabalho devido a sua condição de assalariamento, este não imprime direção a sua atividade de acordo com a sua vontade, mas de acordo com as condições institucionais postas. Apesar disto, ele mantém as características de uma profissão liberal, face sua «relativa autonomia», o que garante conduzir a sua ação profissional a ponto de imprimir um direcionamento, exigindo, portanto, compromisso ético e político (Iamamoto, 2006).

Os meios e recursos necessários ao desenvolvimento do seu trabalho, as diretrizes dadas pelas políticas sociais públicas ou empresariais, as relações de poder institucional, as prioridades políticas estabelecidas pelas instituições, os recursos humanos e financeiros que se possa mobilizar e as pressões sociais, entre outros, compõem os elementos constitutivos do processo de trabalho no qual o Assistente Social se insere, não se constituindo como

componentes externos ao trabalho profissional; muito pelo contrário, são elementos intrínsecos ao seu exercício profissional.

Logo, a competência ético-política e teórico-metodológica do assistente social e a realidade sócio institucional na qual está inserido são condicionantes que definem a maior ou menor eficiência da ação profissional (Almeida, 1996). O referido autor cita que a possibilidade de mobilizar as condições institucionais, postas de maneira a ampliar os meios de trabalho oferecidos para o exercício profissional é alcançada por meio da capacidade crítico-resolutiva do Serviço Social de identificar a realidade sócio institucional.

Segundo Gentili (1998), muitas vezes o trabalho profissional (em especial no setor público) é descrito como repetitivo, monótono, organizado em ciclos de breve duração, que expressam demandas sociais cujas respostas correspondem a padrões de produção e reprodução de relações sociais.

Ora, o assistente social realiza suas ações a partir das manifestações imediatas das relações sociais no cotidiano. É no cotidiano que se dá a produção e reprodução das relações sociais. Desvendá-lo é também abrir possibilidades para a transformação da realidade posta. A proximidade com o cotidiano pelo contato estreito com as classes trabalhadoras demandatárias das políticas e programas sociais, aliadas a um referencial teórico-metodológico crítico, possibilita uma ação profissional transformadora de acordo com o projeto ético político que orienta a categoria (Iamamoto, 1995).

O direcionamento que o assistente social imprime ao seu exercício profissional refletirá nos resultados da sua ação. Dessa forma, o assistente social tanto pode se colocar enquanto viabilizador de programas sociais, quando um processo de trabalho é vinculado apenas à aplicação das normas burocráticas da instituição e na maioria das vezes à precariedade dos recursos utilizados no serviço público, quanto pode colocar-se enquanto viabilizador de direitos, quando o acesso a programas é apenas uma parte integrante do seu trabalho, fundamentado na otimização dos recursos existentes, buscando enquanto resultado do seu trabalho a ação transformadora. Aqui o assistente social compreende seu espaço de trabalho como elemento essencial para a proposição de políticas pú-

blicas que garantam e efetivem direitos sociais (Couto, 2002).

A capacidade de leitura e compreensão da realidade posta é, pois, condição *sine qua non* para que o profissional estabeleça seu exercício profissional no sentido da garantia dos direitos sociais, bem como as alianças que se fazem necessárias junto aos sujeitos envolvidos no processo, sejam eles usuários, profissionais, instituições e outros.

É sobre esta realidade que nos debruçamos a seguir e dos desafios que ela coloca para o exercício profissional.

2. O atual contexto social, econômico e político brasileiro no final do século XX e primeira década do milênio

Há uma compressão comum na literatura sobre globalização e neoliberalismo, que nas últimas três décadas do século XX e entrada do novo milênio vivemos eventos extraordinários, espetaculares e transformadores do mundo. Para uns, são tempos pós-industriais, pós-modernos, contemporâneos ou complexos, que demonstram que o paradigma da modernidade esgotara suas possibilidades, irreversivelmente.

Para outros, há sim um momento de transição, de crise, mas que a modernidade ainda é o grande paradigma de compreensão da realidade social, devendo ser defendida e ao mesmo tempo ampliada.

Categorias básicas parecem ter perdido seus significados, ou ainda não mais dar conta de explicar este fenômeno. A realidade que se apresenta traz tantas perplexidades que exigem um aparato conceitual que ultrapassa aquele que dispomos.

Nenhuma dessas categorias goza de unanimidade no debate acadêmico (e mesmo fora dele). Cada qual traz no seu interior construções teóricas pressupostas, que são as bases das explicações apresentadas. Logo, não são neutras.

Podemos pressupor que isto expressa o enorme esforço de compreensão e explicação das múltiplas e profundas transformações que vêm se desenvolvendo no mundo atual. Processos e transformações estruturais que apontam um fenômeno multifacetado, portando dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas, todas imbricadas de modo complexo e heterogêneo.

Assim, desde já, refutamos a concepção corrente que trata globalização como um fenômeno eminentemente ou fundamentalmente econômico, o que na concepção de Ulrich Beck (1999, p. 27) seria globalismo: a ideologia do império do mercado mundial, o que reduz a pluridimensionalidade da globalização.

Concordamos com os autores aqui mencionados que a questão da globalização é muito mais um problema de ordem conceitual, já que todos são unânimes quanto à existência dos vários e profundos processos de transformação estrutural, que tem efeitos desiguais e combinados, mas que tem tornado o mundo cada vez mais interdependente.

O debate aqui tão somente evidenciado nos indica algumas conclusões: a primeira é de que globalização é um fenômeno real; mas, também, é uma categoria ideológica, e tem produzido intenso debate, tanto entre seus defensores quanto aos opositores a este processo de globalização capitalista neoliberal, e mesmo no interior de cada um destes; esta tem efeitos perversos que se expressam através do desemprego real, da miséria, exclusão e desigualdade, da intolerância, xenofobia, sexismo, racismo; o por fim concluir que é possível a construção de um outro processo civilizatório a partir dos de baixo.

Isto posto, vamos entender globalização como um fenômeno real, multifacetado, que implica dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais, e que tem se intensificado nas três últimas décadas. E que,

Longe de ser consensual é (...) um vasto e intenso campo de conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos, por um lado, e grupos sociais, Estados e interesses subalternos, por outro; e mesmo no interior do campo hegemônico há divisões mais ou menos significativas (Santos, 2002, p. 27).

Esta compreensão contribui para explicar o processo contraditório e complexo que vivemos, seja em relação ao Brasil, seja em relação a diversos países ditos em desenvolvimento. Isto posto, falemos destes acontecimentos.

A expansão das experiências neoliberais mundo afora nestas três últimas décadas, como afirmamos, de rápida expansão dos mercados financeiros e da introdução de novas modalidades produtivas são fenômenos que caracterizam

o capitalismo mundial recente. A complexidade e alcance deste processo já foram amplamente assinalados por autores como Touraine (1989, 1998), Boaventura Santos (1996, 2002), Wallerstein (1984, 1989), Ulrich Beck (1999), Gómez (2000), dentre outros.

No geral, a crise do modelo econômico que se desencadeia na primeira metade da década de 70, originando uma longa recessão, com baixas taxas de crescimento econômico e altos índices inflacionários, em todo o mundo capitalista avançado. Este seria o cenário para o fortalecimento do ideário neoliberal, iniciado com Margaret Thatcher na Inglaterra e Ronald Reagan nos Estados Unidos.

Os princípios orientadores agora seriam: flexibilização do trabalho, gerando desemprego estrutural, com graves consequências como a perda de poder dos sindicatos e o aumento da pobreza absoluta; capitalismo financeiro extremamente volátil em detrimento do trabalho produtivo; crescimento do setor de serviços, que traz consigo precarização, subemprego, trabalho semiescravo e outros; ciência e tecnologia como agentes do capital, ou seja, monopólio do conhecimento e da informação; transnacionalização da economia e redefinição no papel do Estado nacional.

Dentre muitas medidas, podemos destacar algumas que conhecemos bastante bem, em termos de Brasil: abertura das economias e mercados destes países, programas de estabilização financeira, privatizações das empresas públicas, gradativa extinção de direitos sociais, desestruturação da rede de proteção social do Estado (Lowy, 2001; Santos, 2001; Ianni, 1996, 1997; Gentilli, 2000; Oliveira e Paoli, 2000).

Em solo *brasilis* este contexto consolida-se e aprofunda-se principalmente na década de 1990, ainda que comece a se materializar no governo José Sarney (1986-90), o primeiro governo civil eleito indiretamente após a ditadura militar, através da liberalização comercial, uma das características da globalização, ou seja, a redução ou eliminação de alíquotas de importação.

Entretanto, é a partir do governo Fernando Collor de Melo (1990-92) que o país muito fortemente assume o ideário neoliberal. A abertura econômica iniciada no Governo Collor, e o desenvolvimento de uma política de substitui-

ção da produção nacional e implementada no Governo de Fernando Henrique Cardoso-FHC (1995-2002) provocaram, em 1995, um aumento de 50% as importações, gerando um processo de desindustrialização no País. O fechamento de linhas de produção inteiras, em qualquer parte do país, trouxe como consequência direta a desestruturação produtiva e do mercado de trabalho (Dieese/SC, 1999, p. 186).

A precariedade nos mercados metropolitanos gerou índices de desemprego que chegaram a patamares elevadíssimos. Conforme dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)- Dieese/Seade³, da região metropolitana de São Paulo, em janeiro de 1990 a taxa de desemprego era de aproximadamente 6,9%. Em janeiro de 2000 este índice salta para 17,7%.

O crescimento acelerado das taxas de desemprego e sua manutenção em patamares elevados, juntamente com agravamento das condições de trabalho, com contratos fora dos marcos legais, extensas jornadas de trabalho, alterações na legislação trabalhista, crescimento acelerado do trabalho informal, precarizado e vulnerável, amplamente divulgados por estudos e pesquisas, aprofundaram o caráter já tão heterogêneo do mercado de trabalho brasileiro. Segundo dados do Dieese/Seade (PED), no ano de 1999, entre 46,2% e 60,7% da PEA, nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo, encontravam-se em situações vulneráveis⁴ no mercado de trabalho.

Junte-se a este quadro a questão da distribuição de renda no Brasil. Sabemos que crescimento econômico e aumento da produtividade são condições necessárias para uma justiça social. Mas não são suficientes.

Segundo o Dieese, «um retrato dessa situação para o ano de 1999 revela que os 50% que ganham menos se apropriam de apenas 13,9% do total da renda proveniente do exercício do trabalho, enquanto os 50% que ganham mais, ficam com 86,1%». (Dieese, 2001, p. 81).

É fato que o final do governo Sarney expressou claramente um consenso de que não

era mais possível um Estado concentrador como o que tínhamos. Entretanto, as discordâncias foram grandes quanto ao tipo de Estado e ser construído. Ganha força o ideário neoliberal. Ideias de que o tamanho excessivo do Estado e o excesso de gastos seriam o grande mal. A saída? Drástica redução deste, paralelamente ao esforço de restaurar a hegemonia do livre mercado nas decisões de alocação de recursos.

O governo FHC, ao seu modo, enfrentou esta questão, quando eliminou os mecanismos de reservas de mercado, protecionismo e monopólio estatal, bem como as reformas na Previdência e na Administração pública, tendo a descentralização como um item fundamental. A isto se chamou de Reforma do Estado.

A redução do Estado e da sua efetiva responsabilidade com a esfera pública se materializa em três itens: descentralização, focalização e privatização, como afirmam Simionatto e Nogueira (2001, p. 150). São descentralizadas as ações estatais justificando-se a busca de eficiência e eficácia do gasto. A descentralização, colocada como possibilidade de socialização do poder e de participação da sociedade civil organizada, é sistematicamente despolitizada e esvaziada de sentido. As políticas sociais perdem seu caráter de universalidade, ainda que a cargo do próprio estado e das parcerias com a sociedade civil, imbricadas pelos interesses do mercado.

É somente a partir de 2004 que a economia brasileira volta a crescer, mantendo patamares elevados até 2009, quando o país é atingido pela crise internacional de 2008, que varreu o continente europeu. Ao longo destes anos é possível identificar uma política de valorização do salário mínimo, intensificação de programas de transferência de renda, e aumento do investimento público, em especial na área da infraestrutura e habitação, dentre outros.

Segundo o Dieese,

[...] as políticas governamentais adotadas ao longo da década de 2000 (metas de inflação, política de valorização do salário mínimo, políticas de transferência de renda, expansão do cré-

³ Dieese/Seade, 1995.

⁴ Situação vulnerável, segundo Dieese/Seade: trabalhadores ainda crianças e adolescentes, e ainda postos de trabalhos precários (assalariados sem carteira assinada, autônomos que trabalham para o público, trabalhadores familiares e empregados domésticos).

dito) e as mudanças verificadas no mundo do trabalho (geração de empregos, formalização e aumento da renda) foram, ao mesmo tempo, causa e efeito do processo de crescimento econômico no Brasil. A política de valorização do salário mínimo, por exemplo, ampliou o mercado consumidor interno, o que induziu as empresas a produzirem mais, a contratarem mais trabalhadores, elevando o nível do emprego e melhorando o ambiente econômico das negociações coletivas. Ao mesmo tempo, com a ampliação do mercado consumidor, geração de emprego e incremento da massa salarial, houve grande aumento da arrecadação tributária, que fortaleceu a política de valorização do salário mínimo (DIEESE 2012, pp.16-17).

Entretanto, é fato que os avanços econômicos vividos pelo país face as políticas macroeconômicas adotadas pelo governo brasileiro de Luiz Inácio Lula da Silva (2002-2010) não foram acompanhados, na mesma intensidade e impacto, em termos de realidade social. Em que pese estas transformações na esfera econômica, persiste uma estrutura heterogênea caracterizada por profundas desigualdades regionais e sociais no que se refere à renda, às condições de inserção no mercado de trabalho, ao acesso à educação, habitação, a questão da mulher, a questão geracional, a questão étnico-racial e aos mecanismos de proteção social, dentre outros, colocando a necessidade urgente de exigência de *políticas públicas de Estado*, no sentido de promover equidade social e econômica a todas as parcelas das classes trabalhadoras.

O fato é que a simples manutenção das políticas sociais compensatórias implantadas ao longo da década de 2000 não será capaz de continuar desconcentrando a renda no país em ritmo semelhante ao recente, mesmo com a garantia de valorização do salário mínimo até janeiro de 2015 (condicionada ao crescimento do PIB, conforme a Lei nº 12.382/2011). Tampouco o esperado crescimento econômico dos anos que seguem, por si só, promoverá a mel-

horia do perfil distributivo do país. É urgente, pois, elaborar e implantar novas políticas e medidas que promovam a continuidade do processo de conquista da equidade e justiça social no país. (Dieese, 2012, p.350)

Torna-se condição incontestável o país caminhar na construção de uma agenda política que busque a consolidação de uma estratégia social ancorada tanto na defesa e consolidação de políticas universais quanto das ações voltadas para o combate da pobreza extrema. As marcantes mobilizações sociais de junho de 2013⁵ sem dúvida reafirmam esta necessidade.

O conhecimento aprofundado destes tempos de globalização neoliberal torna-se exigência mínima, para avaliar com rigor as ações do Estado, avaliar e propor políticas e programas sociais numa perspectiva de um exercício profissional pelo qual se referencia o projeto ético político da profissão no Brasil. Logo, a relevância de compreender e analisar a realidade social diz respeito às exigências postas ao exercício (bem como à formação profissional). É disso que tratamos a seguir.

3. Desafios postos ao exercício profissional em tempos de globalização neoliberal

Vamos aqui destacar apenas dois dos diversos desafios vividos pela profissão. Desafios distintos, porém profundamente imbricados. Um primeiro, diz respeito ao serviço social enquanto profissão assalariada, participe do mercado de trabalho. Conforme tratamos anteriormente, as transformações no padrão de acumulação e regulação social modificaram significativamente tanto o modelo do processo de gestão do trabalho capitalista e o sistema estatal, quanto impactaram diretamente a divisão sócio-técnica do trabalho, provocando modificações em todos os níveis; estas transformações também influenciaram as condições do exercício profissional, modificando as demandas e o mercado de trabalho, os processos e as condições de trabalho no qual o assistente so-

⁵ Mobilizações ocorridas ao longo do mês de junho de 2013, com milhares de cidadãos nas ruas do país, com características de movimento de massa, de protesto, aglutinando a indignação de diferentes camadas sociais, predominando a classe média, e diferentes faixas etárias, destacando-se os jovens, atuando em coletivos não hierárquicos, de forma descentralizada. Os prováveis motivos para a indignação podem ser apontados como: os gastos altíssimos com estádios da Copa, megaeventos e uso do dinheiro público em eventos promocionais, a má qualidade dos serviços públicos, especialmente transportes, educação e saúde, a persistência dos índices de desigualdade social, inflação, denúncias de corrupção, clientelismo político, sentimento de impunidade, sistema político arcaico, a criminalização de movimentos sociais, etc.

cial está inserido. Estudos apontam que se intensificou a subcontratação destes por parte das empresas de serviços ou de assessoria, de cooperativas de trabalhadores, na prestação de serviços seja aos governos e organizações não governamentais, apontando para um exercício profissional temporário, por tarefa, por projeto, em função das novas formas de gestão das políticas sociais (Raichelis, 2010), impulsionadas pelas parcerias público-privadas.

Estas mesmas pesquisas informam que os efeitos da terceirização para o trabalho social são profundos, uma vez que esta desconfigura o significado e a amplitude do trabalho técnico realizado pelos assistentes sociais e demais trabalhadores sociais; desloca as relações entre a população, suas formas de representação e a gestão governamental, pela intermediação de empresas e organizações contratadas; subordina as ações desenvolvidas a prazos contratuais e aos recursos financeiros definidos, implicando descontinuidades, rompimento de vínculos com usuários, descrédito da população para com as ações públicas; realiza o corte entre prestação de serviço e direito, pois o que preside o trabalho não é a lógica pública, mascarando a responsabilidade do Estado perante seus cidadãos, reduzindo ainda mais as possibilidades de inscrever as ações públicas no campo do direito (Raichelis, 2011).

Portanto, um primeiro desafio a ser enfrentado no mundo do trabalho profissional do assistente social é necessidade de avançar na luta coletiva em espaços diversos onde se possam construir sujeitos coletivos capazes de fortalecer os espaços de enfrentamento e resistência frente à avassaladora capacidade do capital de se recriar e acumular riqueza de forma centralizada e crescente via expropriação do trabalho vivo.

Um segundo desafio, profundamente emanado ao primeiro, diz respeito ao exercício profissional enquanto trabalho concreto. E aqui vamos abrir dois pontos de reflexão. O primeiro diz respeito às expressões da questão social (produção e reprodução da pobreza e desigualdade), com as quais o assistente social se depara no seu cotidiano profissional nos distintos espaços sócio-ocupacionais. A permanência da pobreza e desigualdades são elementos constitutivos inseparáveis da ordem capitalista. Vejamos alguns dados.

O significativo aumento do valor real do salário mínimo, a forte expansão da cobertura e dos valores dos benefícios assistenciais, o crescimento do mercado consumidor interno, do emprego e do assalariamento com carteira, o avanço da construção civil, a ampliação das políticas públicas e sociais (saúde, educação, assistência em particular), dentre outros fatores, levou a um processo de redistribuição de renda. No entanto, as disparidades socioeconômicas, em especial a desigualdade de renda, continuam profundamente elevadas no país. A concentração de renda entre os 10% dos brasileiros mais ricos é escandalosa. Em 2009, os 10% mais ricos se apropriavam de 42,8% da renda identificada pela Pnad e o 1% mais rico, de 12,1%, segundo o Dieese (2012).

Profundamente relacionado ao acima mencionado, é a inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho. Análises feitas por especialistas apontam uma melhora no mercado de trabalho formal brasileiro, com expressivo crescimento do emprego formal. Porém, há um conjunto de desafios que precisam ser enfrentados em futuro próximo, de modo a ampliar as conquistas sociais dos trabalhadores, face ao grande contingente da força de trabalho desocupada ou que permanece nas ocupações informais ou ainda sem carteira de trabalho assinada (Dieese, 2012, p. 99). É de domínio público que quase metade da população ocupada nas regiões metropolitanas brasileiras vivem em situação de desproteção social, tanto no que diz respeito à cobertura da legislação trabalhista e previdenciária, como no que tange ao abrigo da negociação coletiva. Uma realidade expressiva já que são 1,954 milhão de trabalhadores (11,4% da PEA), sendo que destes, mais de 42% são mulheres.

As desigualdades ético-raciais, históricas no Brasil, são outro elemento a ser considerado. As dificuldades de acesso à educação, saúde, inserção no mercado formal de trabalho, menor remuneração, contribuem para que estes mantenham uma situação de pobreza e desigualdade. Quando os indicadores os indicadores raça-cor e sexo, são levados em conta, percebe-se que as mulheres negras vivenciam condições de trabalho ainda mais desiguais, pois recebem os menores rendimentos do mercado, têm as maiores taxas de desemprego e estão em ocupações mais vulneráveis.

Um outro elemento a ser destacado diz respeito à questão demográfica, resultado da combinação de taxas de mortalidade e de fecundidade em declínio, alterando a distribuição etária da população brasileira, que vive um processo de envelhecimento, exigindo a implantação e implementação de políticas públicas de Estado no quesito mercado de trabalho, educação, saúde, perspectiva de aposentadoria digna.

Outra questão fundamental é a urbanização entrelaçada à questão da habitação e da mobilidade urbana, dentre outros elementos. Hoje 80% da população do Brasil é urbana, fortemente concentrada nas regiões sudeste (42% segundo IBGE) e nordeste (28,2%, segundo IBGE). Urge pensar a questão urbana a partir do ideário do direito à cidade, propor políticas públicas políticas, novas linguagens culturais geradoras da desmercantilização da cidade e da promoção do direito à esta rompendo com a hegemonia do neoliberalismo empreendedorista.

Em se tratando de estrutura social e organizativa das famílias, o país vive uma mudança radical frente a redefinição do papel da mulher, agora assumindo novos espaços no mercado de trabalho e na esfera pública. Essas mudanças implicam novos arranjos familiares, originando núcleos menores; um maior número de famílias chefiadas por mulheres, inclusive naqueles arranjos formados por casais; famílias constituídas por casais sem filhos e por homens e mulheres morando sozinhos, ainda que o modelo predominante continue sendo o de casal com filhos, evidenciando a existência de continuidade nesse processo de transformação.

Portanto, os desafios postos a profissão enquanto trabalho concreto inscreve-se no âmbito da compreensão do significado social da sua intervenção, significado este desvelado na elucidação das condições nas quais as relações sociais se processam na sociedade contemporânea. Diz Netto (2007, p.165): «Somente a compreensão do significado social da profissão, hipotecado à compreensão da dinâmica econômico-social contemporânea, pode abrir à via a resolução de problemáticas inerentes e próprias à ação profissional». Essa dupla compreensão permite ao profissional de serviço social reconhecer os limites e possibilidades da sua ação. Netto afirma que nenhuma ação profissional suprirá a pobreza e desigualdade na ordem do capital, porém,

[...] seus níveis e padrões podem variar, e esta variação é absolutamente significativa - e sobre ela pode incidir a ação profissional, incidência que porta as possibilidades da intervenção que justifica e legitima o Serviço Social. O conhecimento desses limites e dessas possibilidades fornece a base para ultrapassar o messianismo, que pretende atribuir à profissão poderes redentores, e o fatalismo, que a condena ao burocratismo formalista (NETTO, 2007, p. 166).

Ainda no que diz respeito ao exercício profissional enquanto trabalho concreto, temos que assinalar outra questão não de menor teor: a questão do *necessário domínio* do instrumental técnico-operativo. É fato que o cenário acima descrito exige um profissional propositivo, reflexivo, crítico, «que aposte no protagonismo dos sujeitos sociais, versado no instrumental técnico operativo», com competência para as ações profissionais demandadas (Iamamoto, 2001, p.144). Entretanto, há uma tendência no interior da profissão, quando se coloca a necessidade de qualificar o assistente social no manejo do instrumental técnico operativo, de entender isto como um retorno à primazia da técnica pela técnica, limitando o instrumental à condição de repertório interventivo, a um rol de instrumentos e técnicas que seriam suficientes para a eficiência da ação.

Entendemos que a efetivação do trabalho profissional, o assistente social mobiliza instrumentais técnico-operativos que contribuem para a materialização da ação profissional nas diversas formas de enfrentamento das manifestações da questão social presentes no seu cotidiano. Estes, ao mediarem e potencializarem a intervenção profissional participam da realização dos efeitos concretos produzidos pelo trabalho profissional nas relações sociais. Assim

[...] os assistentes sociais ao acionarem a razão e a vontade na escolha dos procedimentos técnicos e ético-políticos, dentre eles o instrumental técnico-operativo, o fazem no âmbito de um projeto profissional. Isto permite que a profissão supere a dimensão eminentemente instrumental necessária e responda de maneira crítica e consciente às demandas que lhe são postas (Brandão, 2006, p.30).

Portanto, outro desafio colocado à profissão diz respeito ao repensar o papel dos instrumentos e técnicas no exercício profissional, contribuindo com o debate de dimensão operativa da

profissão, tão pouco explicitado, mas necessário a um exercício profissional competente teórica, técnica e politicamente, na ótica do projeto ético político que orienta a profissão.

4. Considerações finais

A complexidade do fenômeno da globalização e seu respectivo ideário neoliberal, a forma como a sociedade civil tem respondido a isto, implica, para o Serviço Social, compreender por onde correm os caminhos dos conflitos, as formas diferenciadas dos dissensos (Rancière, 1996, 1996a), compreender a capacidade da profissão de construir conhecimento crítico sobre esta realidade e suas novas dinâmicas, explicitar respostas construídas a partir da compreensão do contexto contraditório de crescimento econômico e desigualdade.

A trajetória histórica recente anteriormente assinalada mostram a força e o alcance desta nova sociabilidade burguesa e dos desafios postos para o exercício profissional, uma vez que este contexto de democracia liberal é «te-

rreno fértil» para o abandono do pensamento crítico no Serviço Social, considerando nossa vinculação histórica com o conservadorismo.

Analisar e entender esta realidade apreendendo sua dinâmica, sob a mediação do projeto de formação que nos orienta significa fortalecer a profissão no cenário brasileiro, quer no plano ético-político, quer ao nível da sua qualificação teórico-metodológica, conquistando legitimidade junto aos sujeitos que se utilizam dos serviços que planejamos e/ou executamos nos distintos espaços sócio-ocupacionais de exercício profissional, assim como estabelecendo alianças com aqueles que se identificam e/ou portam as demandas e interesses das classes trabalhadoras.

Acreditamos firmemente que contexto sócio-político-econômico de um país periférico em relação ao capital mundial como o Brasil, não permite dúvidas quanto à necessidade de um pensamento crítico, e de seu fortalecimento no seio da profissão, tão marcada por ambiguidades e conflitos na construção da sua identidade.

5. Referências

- Almeida, Ney Luiz Teixeira de (1996). Considerações para o exame do processo de trabalho do Serviço Social. *Serviço Social e Sociedade*, 52, 24-47. São Paulo.
- Beck, Ulrich (1999). *O que é globalização? Equívocos da globalização - respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra.
- Brandão, Rita de Cássia Camargo (2006). *O serviço social no Brasil: reinstrumentação necessária*. Unesp: São Paulo, Franca.
- Couto, Berenice Rojas (2002). O processo de trabalho do assistente social na esfera municipal. *Cadernos de Capacitação*. Brasília: CFSS/CEAD/UnB.
- DIEESE/SC. (1997). Qualificação, formação e emprego em Santa Catarina: quadro crítico da situação dos trabalhadores. *Estudo Regional*, 2. Florianópolis: Dieese,.
- DIEESE/SC.(1999). *Anuário dos trabalhadores de Santa Catarina*. Florianópolis: Dieese.
- DIEESE/SC. (2000). *As formas singulares da reestruturação produtiva na indústria têxtil catari-nense - Relatório final de atividades 2000*. Florianópolis: Dieese.
- DIEESE. (2012). *A Situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000*. São Paulo: Dieese.
- DIEESE/SP. (2001). *A situação do trabalho no Brasil*. São Paulo: Dieese.
- DIEESE/SEADE. (1995). *Pesquisa de emprego e Desemprego: relatório metodológico*. São Paulo: SEADE.
- Goméz, José María (2000). *Globalização da Política - mitos, realidades e dilemas*. Gentili, Pablo (org.). *Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial* (pp.128-179). Petrópolis, RJ: Vozes; Buenos Aires:CLASCO,.
- Gentili, Raquel (1998). *Representações e práticas: identidade e processo de trabalho no Serviço Social*. São Paulo: Ed. Veras.
- Iamamoto, Marilda Villela (1995). *Renovação e Conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos*. São Paulo: Cortez, 3. Edição.
- Iamamoto, Marilda Villela (2006). *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez.

- Iamamoto, Marilda Villela (2007). *Serviço Social em Tempo de Capital e fetiche*. São Paulo: Cortez.
- Ianni, Octávio (1996). *Teorias da Globalização*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ianni, Octávio (1997). A política mudou de lugar. Em: L.Dowbor, O. Ianni e P.E. Resende (org.). *Desafios da globalização*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lowy, Michael (enero, 2001). Emancipación, universalismo, internacionalismo. *Observatório Social da América Latina*, 3, 21-24. Argentina: CLCASO,.
- Martins, José de Souza (2002). *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Netto, José Paulo (2007). Desigualdade, pobreza e serviço social. *Revista Em Pauta*, 19, 135-167. Rio de Janeiro
- Oliveira, Francisco de e Paoli, Maria Célia (org.). (2000). *Os sentidos da democracia*. 2.ed. Petrópolis:RJ: Vozes.
- Raichelis, Raquel (2010). Intervenção profissional do assistente social e as condições de trabalho no SUAS. *Revista Serviço Social e Sociedade*, 104, 750-772. São Paulo: Cortez.
- Raichelis, Raquel (2011). O assistente social como trabalhador assalariado: desafios frente às violações de seus direitos. *Revista Serviço Social e Sociedade*, 107, 420-437. São Paulo:Cortez.
- Rancière, Jacques (1996). O dano: política e polícia. *O desentendimento*. Editorial 34, 35-53.
- Rancière, Jacques e Novaes, Adauto (org.) (1996a). O dissenso. *A crise da razão* (pp. 367-382). São Paulo: Cia das Letras/MINC/FUNARTE.
- Ribeiro, Edaléa Maria (2005). *Movimentos sociais em tempos de democracia e globalização em Santa Catarina: os anos 90*. Florianópolis: Fundação Boiteux.
- Santos, Milton (2001). *Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 8.ed. Rio de Janeiro: Record.
- Santos, Boaventura de Souza (1996). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 2.ed. São Paulo: Cortez.
- Santos, Boaventura de Souza (org.). (2002). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez.
- Silva, Jacqueline Oliveira. (1997). *Educação, processo de trabalho e Serviço Social*. Porto Alegre: Dacasa Editora.
- Simionatto, I. e Nogueira, V. M. R. (2001). Pobreza e participação: o jogo das aparências e as armadilhas do discurso das agências multilaterais. *Revista Serviço Social e Sociedade*, 66, 145-164. São Paulo: Cortez.
- Touraine, Alain (1989). Os novos conflitos sociais. Para evitar mal-entendidos. *Revista Lua Nova*, 17, 5-18.
- Touraine, Alain (1998). *Crítica da modernidade*. 5.ed. Petrópolis,RJ: Vozes.
- Wallerstein, Immanuel (1984). Tipologias das crises. *Tipologias das crises no sistema mundial*. Essex, Universidade das Nações Unidas, mimeo.
- Wallerstein, Immanuel (1989). A reestruturação capitalista e o sistema-mundo. WEFORT, Francisco. Incertezas da transição na América Latina. *Revista Lua Nova*, 16, 5-45.